



Rinaldo de Fernandes

“Mestre do conto”

*Regina Zilberman*

CONTOS  
DO  
BRASIL

Garamond



RINALDO DE FERNANDES

# CONTOS DO BRASIL

*Narrativas sobre 12 temas brasileiros*

1. A violência
2. A prostituição
3. O sem-teto
4. O patrão e o empregado
5. A corrupção
6. O machismo
7. A velhice
8. O preconceito racial
9. A religião e a cobiça
10. O carnaval
11. O consumo
12. O sertão profundo

G a r a m o n d

Copyright © Rinaldo de Fernandes

Direitos reservados para esta edição

*Editora Garamond Ltda*

Rua Cândido de Oliveira, 43/101 – Rio Comprido

20261-115 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Tel/fax: (21) 2504-9211

www.garamond.com.br

editora@garamond.com.br

*Revisão* Alberto Almeida

*Editoração* Estúdio Garamond

*Capa* Estúdio Garamond

sobre foto de Tim Hallinan, disponível em [https://farm8.staticflickr.com/7362/12934595594\\_362eb14e92\\_b.jpg/](https://farm8.staticflickr.com/7362/12934595594_362eb14e92_b.jpg/) sob licença Creative Commons “Atribuição”.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F411c

Fernandes, Rinaldo de

Contos do Brasil: narrativa sobre 12 temas brasileiros / Rinaldo de Fernandes

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2018.

208 p. : il. ; 21cm.

ISBN 9788576174592

1. Conto brasileiro. I. Fernandes, Rinaldo de. II. Título.

18-47061

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

# SUMÁRIO

## 1. A VIOLÊNCIA

Ilhado.....	11
Duas margens.....	21
O último segredo .....	29
Gravata .....	31
Diário de Suzi, 11 anos .....	34
O professor de piano.....	36
Pássaros .....	43
A morta.....	47
Onde está o agente?.....	59

## 2. A PROSTITUIÇÃO

O perfume de Roberta .....	68
Oferta.....	74
Suzi .....	79
Tem nada, puta! .....	80

## 3. O SEM-TETO

Beleza.....	83
O caçador .....	93

## 4. O PATRÃO E O EMPREGADO

Passarinho .....	99
Feijão perfumado .....	101
Luana e Rosa.....	103
Rita e o cachorro .....	112

## 5. A CORRUPÇÃO

O governador palerma.....	119
---------------------------	-----

6. O MACHISMO	
O cavalo .....	123
Confidências de um amante quase idiota.....	128
A poeira azul.....	131
Você não quis um poeta.....	145
Urros .....	150
O pai que agradeço .....	151
7. A VELHICE	
O mar é bem ali.....	155
8. O PRECONCEITO RACIAL	
Assaz.....	163
Negro .....	165
9. A RELIGIÃO E A COBIÇA	
Empostação de cansaço .....	171
10. O CARNAVAL	
Dois buracos para os meus olhos.....	175
Procurando o carnaval.....	181
11. O CONSUMO	
O crepúsculo às vezes cansa.....	189
12. O SERTÃO PROFUNDO	
Sariema .....	193
SOBRE O AUTOR .....	203

Espero que esta antologia agrade ao leitor. Há efetivamente afinidade temática entre os contos de cada seção (refiro-me às seções 1, 2, 3, 4, 6, 8 e 10). Mas a divisão em seções temáticas é, antes, para facilitar a vida do leitor, serve de porta de entrada aos contos. Já a porta de saída... O conto nunca anda em linha reta rumo a um ponto final.

**R. de F.**





# 1. A VIOLÊNCIA



# Ilhado

*para Eduardo Sabino*

## 1

No velho restaurante, as mesas e plantas com jarros fendidos espalhadas nas areias da praia, sob as sombras de sete coqueiros (conferi e reconferi logo após me sentar), eu estou só na mesa um pouco distante da coluna onde pende, recostado à cadeira, o único garçom. A cozinheira, com a falta de mais clientes, vez por outra põe a cabeça na janelinha de atendimento, olha na minha direção. Na avenida deserta, alguns insetos na luz amarelecida dos postes.

Não tinha reparado, do outro lado, na penumbra, por trás de uma das plantas, a mulher na mesa olhando a lua, os ramos brilhosos de um jarro revirando-se com o vento. Tomo mais um gole do meu terceiro uísque, tento ver melhor o rosto da mulher, que, recompondo o cabelo, bebe um refrigerante. Quem ela espera? O mar espuma, adiante, nos arrecifes.

O garçom cochila, a cortina de tiras na porta da cozinha se retorce com o vento. A cozinheira, agora recostada ao balcão, estira o olhar morto na extensão do restaurante. A sombra de um dos coqueiros azula a areia próxima a um velho balanço de criança.

De repente aparece um barco branco, vem vindo no rumo do restaurante. Um pequeno barco no mar rumoroso, iluminado pela lua. O garçom permanece parado, a cabeça agora pendida para trás. A cozinheira, pensativa, roça a mão no braço. Mas, atrás da planta, a mulher na mesa se movimenta, afasta as pernas. Ergue-se, recolhe a garrafa de refrigerante, põe do lado. Um homem desce do barco, sai arrastando-o para as areias secas da praia, amarra-o em algo e vem, atlético, os tênis amarelos, na direção da mulher. Bebo mais um gole

do uísque. O homem, camiseta clara, chega na mesa, puxa a mulher para si, beija-a fundo. Os dois ficam abraçados alguns segundos. O garçom enfim percebe a presença do homem, levanta-se para atendê-lo. A praia brilha.

O homem, a voz vem no vento, pede uma cerveja e um camarão. A cozinheira, já a postos, mete o rosto na janelinha, recebe o pedido do garçom. O casal, atrás da planta, se apalpa. Ele tira os tênis, põe perto do jarro, roça, animado, os pés na areia. Ela volta a recompor os cabelos, recolhendo-se nos braços do outro:

– O vento tá me deixando com frio.

Após empurrar o prato de camarão nas mãos do garçom, a cozinheira lança para mim um olhar duro, de quem não está mais a fim de clientes.

O casal permanece ali na mesa, o galho da planta batendo, encobrindo-os vez por outra. Abraçam-se sempre, beijam-se. Ele, de repente, recolhe a mão da outra, faz ela tirar os tamancos, os dois andam para as águas. Ela, adiante, segura pelo braço, e tentando conter o corpo, ri:

– Não, amor, a água não...

Mas ele puxa a mulher para perto da onda, levanta-a nos braços, ameaça atirá-la nas águas. Os dois, abraçados, rodam, riem muito. O mar barulhando nos arrecifes.

O homem afinal cede, carrega a mulher para o seco. Se encostam ali no barco, beijam-se longamente, a penumbra apagando seus corpos. O barco, meio encoberto por um bloco de areia, começa a se mover. Peço ao garçom mais um uísque.

Após alguns minutos, o barco já quieto, o homem, de calção de banho, desce um pouco as areias, vai para o mar. A mulher, ajeitando o cinto, retocando a gola da blusa, olha na direção do restaurante. O homem, os braços ágeis, afunda na onda.

O mendigo atravessa a avenida, passa pela Kombi estacionada do restaurante, vem vindo na minha direção. Chega até a minha mesa, pede-me um trocado, a barba, com os golpes do vento, tremendo. Puxo a carteira, passo-lhe uma moeda. Os cabelos empoeirados, a bermuda em farrapos, ele segue, contornando as plantas, para a mesa do casal, que continua namorando no barco, o rosto da mulher alvo, virado para o céu. O mendigo vê os tênis amarelos perto da planta, apanha-os, enfia nos pés, arrodia pelo outro lado (o garçom, dependurado na cadeira, de novo cochilando). Atravessa novamente a avenida, segue na direção de um prédio inacabado de alguns andares, as paredes pretas, deterioradas. Os insetos mais intensos na luz dos postes.

Após o casal voltar para a mesa, o homem segue até o garçom, faz gestos duros, querendo saber dos tênis. O garçom, batendo muito as pestanas, passa a mão no rosto, diz que não sabe de nada. O homem dá um grito, diz que não pode, os tênis estavam ali.

– Deixei ali, junto à mesa!

A cozinheira põe a cara na janelinha. O garçom, os olhos agora bem abertos, se ergue, vai procurar os tênis entre as plantas, em meio às sombras. O vento zune nos coqueiros. A cozinheira aparece com uma lanterna:

– Só faltava essa.

O homem, após a busca do garçom, o foco frouxo da lanterna ali pelas areais, me observa. Eu desvio o rosto, mas percebo que ele me observa. Vem vindo no meu rumo, a mulher prendendo-lhe o braço, tentando retê-lo. Ele atravessa algumas mesas, empurra cadeiras – sempre me observando. Vejo na avenida, um pouco distante, um táxi debaixo de uma árvore. O homem vem vindo, tropeça numa planta – “pombas!”. Eu não sei bem o que fazer. A cozinheira, recostada a umas caixas de cerveja, põe a mão na boca. O homem para do meu lado:

– Quem foi?

Eu tento me erguer, ele planta a mão no meu ombro:

– Fala!

Aponto para o outro lado da avenida:

– Suba ali no edifício, no último andar.

Fico parado com o susto. Passo a mão na testa, tomo um gole do uísque. O homem segue na direção do prédio, a mulher, por alguns segundos, ainda tentando contê-lo. Ele vai, passa por alguns arbustos, por velhas tábuas amontoadas na frente do prédio, contorna a placa enferrujada nos ângulos, com o nome “Andrade & Correia Construtores”, entra pela porta principal. O prédio, além das janelas, tem buracos por onde passa a luz dos postes. Paredes partidas, lajes pretas – e um terraço no alto banhado pela lua. Dá para perceber pelos buracos o homem subindo escadas, detendo-se em portas, dobrando corredores. Um homem caçando um mendigo dentro de um velho prédio – e eu, ainda assustado, bebendo mais um gole de uísque.

Vejo quando o homem, no alto, arrasta o mendigo pelos cabelos, bate-lhe com a cabeça no cimento aos berros:

– Filho da puta!

Segura mais firme e volta a bater com o outro no cimento. Algo agora brilha (sangue? suor?) ao luar. O mendigo, tonto, tenta se defender dos golpes. O homem arranca-lhe os tênis e puxa-o perigosamente pela perna até a beira do terraço. A mulher aqui embaixo se apavora:

– Não, amor!

Sinto que a vontade do homem é mesmo jogar o mendigo lá de cima, do quarto andar, de atirá-lo em cima dos restos de tábuas. Mas no momento em que ele faz força para empurrar o outro, o mendigo bate as pernas, ganha fôlego, se ergue e consegue fugir, afundando num corredor escuro. O homem o persegue:

– Ladrão! Filho da puta!

Mas o mendigo some dentro do prédio. Pelos buracos por onde

entra a luz da lua, não vejo mais seus movimentos, ele perdeu-se em algum atalho. O homem ainda assopra algumas palavras, mas afinal desiste, desce do prédio, contorna de novo a placa, passa pelas tábuas, pelos arbustos, vem, atravessa a avenida. Os tênis na mão.

A mulher abraça-o, acalma-o.

### 3

Tomo mais um gole, olho as águas. Tudo tranquilo. O casal está de novo na mesa atrás da planta, os tênis se destacando, agora nos pés do homem. Voltam a se beijar, bebem algo. O vento misturando as palhas dos coqueiros.

O garçom me traz outro uísque. Passa o pano para tirar o molhado da mesa. Aproveito para lhe perguntar:

– Quem é ali o casal?

Ele aponta para as águas mais escuras:

– Está vendo ali a ilha?

Eu não tinha notado, mas do outro lado há uma mancha cinzenta, parecendo mesmo uma ilha.

– Ele mora lá. Navega no sábado para aqui. Vem encontrar-se com a namorada. É dos últimos clientes, mas sempre vem, só fecho quando ele vai embora, a mulher toma um táxi ali na avenida. Há três anos que ele faz essa travessia, todas as noites de sábado.

Olho de novo para a mancha cinzenta.

– Você não é daqui? – me pergunta o garçom.

– Não. Cheguei ontem aqui na cidade. Vim fazer uma conferência, vai ser na segunda. Estou num hotel mais adiante.

– No Prado?

– Sim, no Prado Hotel.